

GUERRA, Alessandra Regina. **Diacronia do grau de transparência do sistema de referência por expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas no português brasileiro.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – UNESP, São José do Rio Preto, 2017, 170p.

Resenhado por Aquiles Tescari Neto (UNICAMP)

Não é tanto habitual entre nós, linguistas brasileiros, a resenha de teses e dissertações em periódicos da área. Lá fora, boas teses costumam ser resenhadas. Há trabalhos que, em virtude da sensibilidade do autor em unir harmoniosamente descrição de dados e análise teórica, não poderiam jamais cair no esquecimento. A tese de Alessandra Guerra é um desses trabalhos.

O objetivo da pesquisa de doutorado foi analisar a variação diacrônica do grau de transparência da expressão do sistema de referência do Sujeito de 1ª e 2ª pessoas no português do Brasil (doravante PB), tendo em vista três mudanças (resenhadas cuidadosa e criticamente no capítulo III) que afeta(ra)m o PB: (i) um aumento de expressão pronominal do Sujeito (em detrimento da não-expressão), (ii) um aumento nas frequências de uso do pronome *você* (em detrimento de *tu*) e (iii) um aumento na frequência de uso do pronome *a gente* (em detrimento de *nós*). O trabalho contempla um tema de investigação bastante caro à teoria a que se afilia, a Gramática Discursivo Funcional (GDF, daqui por diante) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008): a tensão entre a transparência e a opacidade gramaticais. Grosso modo, *transparência* teria a ver com a expressão morfofonológica de determinada propriedade semântica ou pragmática: seria transparente um sistema que, para cada traço semântico ou pragmático, corresponderia, p.ex., um único morfema. Línguas aglutinantes como o turco, o coreano, etc. seriam então o palco para o estudo da transparência gramatical. Em (1), a seguir, exemplifico esse caso de *transparência*, com exemplo do coreano.

- (1) Ku                    say-ka                    cwuk-ess-keyss-*kwun*-a!                    (Cinque, 1999: 53)  
aquele                    pássaro-NOM                    morrer-ANT-EPITEM-EVALUAT-DECL  
'Aquele pássaro deve ter morrido!'

Pela glosa, o leitor observará que há uma relação de um para um entre morfossintaxe e semântica: para cada categoria semântica, há um único morfema; assim, o morfema de tempo anterior *-ess-* lexicaliza apenas essa categoria; o morfema de modalidade epistêmica *keyss-*, apenas essa modalidade e assim sucessivamente, o que garante transparência entre os níveis de interface.

No quadro da GDF assumido pela autora, cuja arquitetura da oração se caracteriza por uma estrutura bastante enriquecida em termos de camadas de representação, a questão da transparência não é assim tão simples e pode se dar tanto dentro de um nível como entre níveis de representação. Ao olhar conjuntamente para os três fenômenos de mudança aludidos anteriormente, a investigação de Guerra busca, então, na verdade, entender como *opacidade*<sup>1</sup> e *transparência* interferem, na história, na expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas em PB, conforme detalho com vagar mais adiante.

<sup>1</sup> De acordo com a autora, um sistema é opaco relativamente a determinada propriedade gramatical se, para aquela propriedade, a relação não é uma relação “um-para-um”. Assim, línguas flexionais como o português são sistemas morfológicamente opacos. Na morfologia verbal, p.ex., morfemas modo-temporais acumulam os traços de modo, tempo e aspecto (cf. Câmara Junior, 1970). Em “falaríamos”, p.ex., o morfema “-ria-” cumula os traços de modo condicional e tempo futuro do pretérito, o que caracteriza opacidade. Um sistema seria transparente se cada traço semântico fosse realizado por um único morfema.

É digna de nota a habilidade da autora em reunir estudos sobre as três mudanças que afetaram o sistema de referência do PB (mencionadas no segundo parágrafo), provindos – esses estudos – de quadros teóricos distintos (e muitas vezes até incomensuráveis, no espírito de Kuhn (1962)): a Gramática Gerativa, a Sociolinguística Laboviana, a Gramática Funcional e a Sociolinguística Paramétrica (ou Variação Paramétrica). Guerra faz uma síntese bastante cuidadosa de observações e resultados empíricos sistemáticos sobre os três fenômenos de mudança supracitados, analisando-os, dessa vez em termos de transparência e opacidade. É importante destacar a sensibilidade não só empírica — no sentido de congregar observações sobre o PB, provindas de vertentes distintas (o que significa um esforço no sentido de compreender a teoria do outro e poder vislumbrar observações sistemáticas que possam contribuir dentro de outro quadro teórico) —, como também teórico-conceitual, que emerge da leitura da tese: a genialidade se revela também em reconhecer uma importante e promissora linha de investigação em GDF, atualmente, a saber, os estudos sobre *transparência e opacidade*, articulando-os de maneira inteligente e inovadora aos três fenômenos de mudança no sistema de referência, na diacronia. Em relação a esse particular, temos, então, de fazer justiça ao trabalho de Guerra: o reconhecimento de toda uma linha de estudos sobre o PB (iniciada com o trabalho seminal de Tarallo (1983), que iluminou uma série de trabalhos não só em Sociolinguística Laboviana como também em Gramática Gerativa, em Sociolinguística Paramétrica e em várias vertentes funcionalistas) que é tomada como mote para a investigação do fenômeno da transparência. Vê-se um cuidado respeitoso para com a produção bibliográfica sobre o PB, dessa vez com uma investigação sobre a *transparência* sob a ótica da GDF, tópico que, a julgar pelo que vemos na tese, não foi investigado, por essa teoria, na diacronia. Temos aqui um grande contributo da tese à GDF. Guerra vai buscar na literatura (maiormente funcionalista) sobre *princípios fundamentais de funcionamento da linguagem* — capítulo II, com extensa discussão de dados no capítulo V — uma resposta à seguinte questão: uma ‘tensão’ entre princípios de iconicidade e economia poderia justificar/explicar a variação diacrônica de transparência na expressão do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas? Essa questão é tão cara à teoria gramatical de modo que se revela como pertinente não só à GDF como também a outras teorias gramaticais (naturalmente revisada com a roupagem conceitual que caracteriza cada paradigma). Nesse sentido, ao ler a tese, um gerativista, por exemplo, não hesitaria em perguntar: mudanças no grau de transparência acompanhariam mudanças de gramática(s)?

A hipótese de investigação foi a de que o grau de transparência do sistema de expressão do sujeito pronominal e desinencial de 1ª e 2ª pessoas não mudaria de maneira unidirecional, mas variaria de acordo com os limites máximo e mínimo de transparência (p. 53), por conta da competição de princípios de funcionamento da linguagem – a economia e a iconicidade – sobre os quais discorro mais adiante.

O modelo teórico da GDF entende que a oração seja organizada em níveis ou camadas de representação. O capítulo I revisa a teoria da GDF, resenhando Hengeveld & Mackenzie (2008) sobre a arquitetura da oração. A GDF concebe quatro níveis de interface para a estrutura da oração: o nível interpessoal (NI), o nível representacional (NR), o morfossintático (NM), e o fonológico (NF). O fenômeno da *referência por expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas* na diacronia do PB – objeto de investigação na tese – envolve, no NI, o “subato de referência”; no NR, o argumento (pensando em termos de Gramática Gerativa dos anos 80, estaríamos aqui na *deep-structure*, onde os argumentos receberiam papéis-temáticos; hoje, com a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros, esse NR corresponderia ao domínio do sintagma verbal, quando, por “Merge”, os argumentos do verbo recebem os papéis-temáticos); no NM, os pronomes e a morfologia flexional verbal.

O capítulo II faz uma síntese da literatura funcionalista americana sobre os princípios gerais do funcionamento da linguagem. Um dos subtipos de iconicidade, discutido no cap. II, pela autora, o *isomorfismo*, é crucial às teorizações gerais da tese (p. 53-55), já pela similaridade entre forma e significado, envolvida nesse tipo de iconicidade diagramática, que reside numa corres-

pondência quantitativa: um significado para cada unidade formal. A motivação da economia tem a ver, nas palavras de Guerra, com a “(...) necessidade de imprimir velocidade e compactar a informação (...)” (p. 57). O grau de transparência do sistema de referência seria, então, diretamente determinado pela iconicidade e pela economia (p. 64-65), em competição. Haveria, então, uma oscilação relativamente ao grau de transparência entre os limites máximo e mínimo (p. 66).

No cap. III, é feita, conforme já se disse, uma resenha de trabalhos sobre o PB relativamente às três mudanças que afetaram o sistema de referência por expressão pronominal e desinencial em PB: o aumento da expressão pronominal do Sujeito (em detrimento da não-expressão) e o aumento nas frequências de uso dos pronomes *você* e *a gente* (respectivamente, em detrimento de *tu* e *nós*). Primeiramente, é feita uma cuidadosa resenha da literatura gerativista e da literatura da Sociolinguística Paramétrica sobre a primeira dessas três mudanças, aquela envolvendo a expressão pronominal do sujeito. Na sequência, é discutida a mudança nas formas de 2ª pessoa (*tu, você*) e nas de 1ª do plural (*nós, a gente*); relativamente a essa última, vale trazer à luz uma importante contribuição, nesse sentido, com dados empíricos sobre a mudança *nós/a gente* que o trabalho de Guerra traz aos estudos diacrônicos. Conforme apontado pela autora, muitos trabalhos assumem uma implementação de *a gente*. Contudo, reconhece a autora (p. 89), “não chegamos a encontrar trabalhos com dados diacrônicos que mostrem o aumento gradativo dos índices de *a gente*, em prejuízo de *nós*.” Nesse sentido, outra contribuição da tese – que o leitor perscrutará na leitura do cap. V – virá justamente dos dados empíricos novos, sobre a implementação de *a gente*, na diacronia, dados esses que serão, com certeza, revisitados por outros estudiosos em trabalhos futuros.

No cap. IV, é esmiuçada com acuidade a *metodologia* de pesquisa. Guerra inicialmente descreve como os dados foram coletados e faz uma menção ao período (diacrônico) recortado para a análise. Ainda que as três mudanças diacrônicas tenham já sido atestadas em outros trabalhos — largamente resenhados no cap. III, como se disse —, a recolha dos dados se faz importante não só para corroborar os achados de trabalhos anteriores como também para, nas palavras de Guerra (p. 96), “obter nossos próprios dados para cálculo da variação diacrônica da transparência.”. Algum leitor poderá talvez questionar a exclusão já justificada, relativamente ao quadro 6 (p. 100), de formas em que o pronome *tu* e o pronome *nós* aparecem, cada um isoladamente, com o verbo na forma da 3ª pessoa e o *a gente* com o verbo na 1ª pessoa do plural. Deve-se admitir, não obstante esse recorte justificado, que houve um cuidado todo especial para com o capítulo sobre a metodologia que merecerá, sem sombra de dúvidas – em virtude desse cuidadoso tratamento e da forma engenhosa como tratou diacronicamente a questão da transparência –, ganhar corpo, na forma de artigo ou ensaio, em algum dossiê sobre metodologia em teoria gramatical.

Ainda no tocante à *metodologia*, é importante mencionar o tratamento engenhoso do cálculo do grau de transparência do sistema de referência por sincronias a que se chegou, conforme detalhado na página 102 (em relação à tabela 3). Levou-se em conta, primeiramente, cada pessoa do discurso separadamente; foi tirada, depois, “uma média entre os graus de transparência no uso dessas diferentes pessoas” (p. 102). É importante tirar essa média “(...) porque o grau de transparência do sistema de referência no uso de cada pessoa do discurso é diferente do grau de transparência no uso das demais pessoas. Essa diferença ocorre porque os paradigmas de desinência verbal número-pessoal (relativamente a presença ou ausência de desinência explícita) são diferentes entre uma pessoa e outra (...)” (p. 103). Quero reiterar o *cuidado especial* que a investigação teve ao fazer um estudo de caso para cada pessoa, relativamente a seu grau de transparência no discurso. Assim, p.ex., em relação à 1ª pessoa do singular (1PS), levou-se em conta: (i) a frequência de expressão e a de não-expressão via pronome sujeito e (ii) a expressão ou não do Sujeito via flexão verbal. Especificamente, no tocante à 1PS, esse cálculo se faz necessário porque em certos tempos-modos não há desinência verbal explícita, havendo sincretismos (caso, p.ex., do *futuro do pretérito*, em que temos uma neutralização no NM entre as formas de 1ª e 3ª pessoa: eu/você *fala-ria*). Expediente análogo foi feito para o *você* (p. 105s.). Para a 2PS, não bastou obter os graus de

transparência para o *tu* e *você*; foi feita uma média ponderada entre o grau de transparência da referência por *tu* e da por *você*, levando em conta os pesos relativos na sincronia em análise. Para a 2ª pessoa do plural (2PP), a variação entre *vós* e *vocês* parece não influenciar na realização (transparente ou opaca) da referência: presença ou ausência de desinência número/pessoa é igual para ambos os pronomes, i.e., desinência explícita em ambos, para todos os modo-tempos.

Gostaria aqui de fazer apenas uma observação no tocante a uma escolha metodológica, relatada em mais de um momento e destacada na nota 38 das páginas 104-105: “Por razões explicadas acima, em nosso levantamento de dados sobre as frequências de expressão/não-expressão pronominal do argumento-sujeito, não controlamos a variável tempo/modo verbal. (...)” O leitor da tese poderá se questionar se a variável *tempo/modo verbal* teria alguma implicação na transparência/opacidade relativamente ao sistema de referência do argumento-sujeito. A literatura gerativista, inspirada em Duarte (1995) e Galves (1993), sugere que o verbo temático não sobe tanto em PB, como em português europeu (PE), por força das três mudanças no sistema de referência que teriam determinado (cf. p. 77s.) o enfraquecimento do paradigma flexional verbal. Há, contudo, discussões recentes que tentam associar a limitada subida do verbo em PB não mais à pobreza da concordância mas, antes, à pobreza de Tempo (cf. CYRINO, 2013; TESCARI NETO, 2013). Será que os “traços de concordância” teriam, sozinhos, toda essa força? Não haveria aí a interferência também de traços TAM (tempo, modo e aspecto)? O leitor de Guerra terá aí mais um tópico de pesquisa a explorar.

É no capítulo V que o leitor apreciará a análise dos dados propriamente dita. Inicialmente, na seção 5.1, são apresentados os dados sobre as mudanças diacrônicas que interferem na transparência/opacidade. Primeiramente, os dados trazidos dizem respeito ao aumento na expressão do argumento sujeito de 1ª e 2ª pessoas por meio de pronome. Os resultados referentes a esse levantamento vão ao encontro dos resultados da literatura sobre o assunto (resenhada no cap. III): há um aumento na expressão do sujeito pleno (em detrimento do sujeito nulo). O trabalho de Guerra traz, de inovador, a esse respeito, uma explicação sobre o impacto que essas mudanças têm/tiveram sobre a transparência do sistema de referência na língua. Aí o cuidadoso levantamento de dados, combinado com uma consideração atenta ao que foi produzido pelos pares, encontra a especificidade do tratamento teórico dado pela literatura sobre iconicidade e economia aplicado ao estudo da transparência linguística. Escusado dizer que a tese, nesse sentido, faz jus à ousadia que se espera de uma pesquisa de doutorado.

Relativamente ao segundo fenômeno, já mencionado, o aumento da frequência do pronome-2PS *você* com diminuição do *tu*, o estudo, com novos dados — provindos de *cuidadosa* recolha (cf. cap. IV) —, corrobora o achado dos pares (aumento de *você*, na diacronia, e diminuição e suplantação mesmo de *tu*).

A terceira mudança diacrônica, a implementação de *a gente*, que provoca diminuição nos usos de *nós*, corrobora — novamente com cuidadoso exame dos dados com fins de verificação da transparência do sistema de referência — os achados da literatura (p. 122).

É na seção 5.2, p. 122, que se discutirá a variação diacrônica do grau de transparência do sistema de referência. Relativamente ao grau de transparência do sistema de referência em relação à 1PS, por exemplo, não se buscou fazer um levantamento de ocorrências reais de orações com ou sem expressão pronominal de 1PS; antes, buscou-se entender o *potencial de transparência do sistema* (p. 125). Nesse sentido, pensou-se em cálculos que permitissem que as diferenças contextuais, discursivas, pragmáticas, etc. — que interfeririam na escolha dum tempo/modo em vez de outro — fossem ‘neutralizadas’, no sentido de permitirem *capturar o potencial de transparência do sistema gramatical*. Assim, recorreu-se a uma média simples (p. 126) entre todos os modos/tempos. É particularmente interessante esse expediente de busca do *potencial do sistema para a transparência* e não a simples frequência dessa forma ou daquela, que poderia, talvez, não nos levar muito adiante. Na sequência da discussão, levando em conta o que discutiu na *Metodologia* (cap. IV), Guerra verifica o grau de transparência das diferentes pessoas gramaticais/do discurso, no intuito de

obter a transparência do sistema tomado como um todo. Uma vez que fatores contextuais poderiam favorecer a emergência deste ou daquele tempo/modo, optou-se por uma média simples entre os graus de transparência do sistema de referência pronominal por pronome e desinência para o Sujeito de 1ª e 2ª pessoas. Chega-se, assim, ao que corresponderia ao grau de transparência da *gramática* da língua, resultado de uma interação entre gramática e contexto. Esse ponto específico dessas escolhas metodológicas muito refletidas e igualmente muito acertadas, merece vir ao conhecimento dos estudiosos de teoria gramatical. Discussões sobre metodologia são de suma importância no fazer da ciência. Grande prova da importância do método, em ciências da linguagem, foi o empreendimento gerativista de Noam Chomsky, cuja teoria teve o sucesso que teve por opções metodológicas: o formalismo da teoria via método negativo (PIRES DE OLIVEIRA, 2010). Na seção 5.3, Guerra defende que a variação observada no grau de transparência do sistema de referência (tanto em direção a [+ transparente] como em direção a [- transparente]), não sendo unidirecional, seria consequência de motivações comunicativas e cognitivas, como *economia/iconicidade* – enquanto princípios gerais de funcionamento da linguagem, descritos e resenhados no cap. II. Os dados resumidos na tabela 12, p. 132, e no gráfico 12, p. 133, poderiam, então, ser interpretados seguindo essa *rationale*, o que parece bastante condizente com teorias funcionalistas sobre as gramáticas das línguas.

Gostaria de chamar atenção a um fato interessante – e retomá-lo, logo mais, como “pergunta de pesquisa” – sobre a não-unidirecionalidade na variação diacrônica do grau de transparência, resultante da atuação da iconicidade e da economia, segundo a análise de Guerra. Essa interpretação de Guerra não me parece incompatível com uma interpretação gerativista sobre a mudança que teria ocorrido no século XIX, na gramática do português (ROBERTS; KATO, 1993). Essa possibilidade de leitura não fica descartada, se levarmos em conta uma citação muito interessante da tese:

As mudanças diacrônicas ocorridas no PB que interferem no grau de transparência do sistema de referência e que fazem esse grau variar de forma não-unidirecional parecem constituir um conjunto de mudanças que se relacionam de tal forma que é possível reconhecer uma interação mais equilibrada entre iconicidade e economia. O aumento na frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito, por um lado, e as mudanças *tu/você* e *nós/a gente* – que podem ser referidas como integrando um processo de mudança no quadro pronominal do PB –, por outro lado, interagem entre si de modo a promover mudanças em que se pode reconhecer a ação conjunta e mais ou menos equilibrada de iconicidade e economia.

Talvez esse fenômeno da variação no grau de transparência na referência do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas seja parte de ou o propulsor de um conjunto de mudanças que afetaram a gramática do PB no século XIX. Então, se a interpretação em termos de *economia e iconicidade*, sugerida no cap. V, se provar correta, ela deverá ser estendida também àquele conjunto de mudanças mencionadas nos trabalhos dos gerativistas (ROBERTS; KATO, 1993), em maior ou menor grau. *Haveria, então, uma convergência não só empírica como também teórica entre paradigmas de ‘núcleo duro’* (no sentido de LAKATOS, 1979) *distintos, o que mostraria, essa convergência, que as pesquisas em teoria gramatical feitas no país estariam no caminho certo.*

No cap. V o leitor também se deparará com dois cenários hipotéticos, com análise muito interessante a meu ver, que espelham a sensibilidade da tese em transcender os limites da pura descrição, rumo a uma explanação interessante dos fenômenos.

A *Conclusão* retoma os pontos gerais mais significativos dos capítulos e da análise, com destaque para a interação das forças de iconicidade e economia que determinam, segundo a interpretação teórica dos dados, a variação no grau de transparência do sistema de referência diacronicamente. Acredito residir aí uma das maiores contribuições do trabalho, no sentido de possibilitar reflexões, à luz de teorias funcionalistas (que levam em conta esses dois princípios de funcionamento da linguagem), do grau de transparência/opacidade *na diacronia*. Esse ponto inovador do

trabalho merece toda a atenção da comunidade acadêmica, sobretudo a dos estudiosos da GDF. É claro que será necessário em investigação futura, tendo em vista a arquitetura da oração no modelo de Hengeveld e Mackenzie, pensar a incorporação dessa proposta sobre economia/iconicidade em termos de níveis de representação *à la* GDF. Nesse sentido, a relação 1: 1: 1: 1 (não meramente 1:1, porque são quatro os níveis ou camadas na arquitetura da oração segundo a GDF), se violada, se articularia, talvez, com iconicidade e economia. Guerra e seus leitores terão aqui, possivelmente, um tema para investigação futura.

Não tenho dúvidas de que os estudiosos interessados na sintaxe – sincrônica e diacrônica – do paradigma pronominal do PB não só lerão como resenharão e reagirão ao trabalho de Alessandra Guerra, que merece a leitura da comunidade acadêmica. Funcionalistas da GDF, que pesquisam fenômenos de transparência e opacidade, têm, neste trabalho, um marco fundador: a investigação promissora sobre a interação de princípios de funcionamento da linguagem na variação diacrônica do grau de transparência gramatical. É uma tese que, sem sombra de dúvidas, merece a nossa atenciosa leitura e consideração.

## Referências

- CÂMARA JUNIOR, J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petropolis: Vozes, 1970.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- CYRINO, S. On Richness of Tense and Verb Movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V. et al. (Ed.) *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 297-318.
- DUARTE, M. E. L. A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências) – UNICAMP, Campinas, 1995.
- GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 387-408.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J.L. *Functional Discourse Grammar: a Typologically-based Theory of Language Structure*. Oxford: OUP, 2008.
- KUHN, T. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.) *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: CULTRIX, 1979.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. A linguística sem Chomsky e o método negativo. *ReVEL*, v. 8, n. 14, 2010, p. 1-19.
- ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Doctoral dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.
- TESCARI NETO, A. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study*. Tese (Doutorado em “Scienze del Linguaggio”) – Università Ca’ Foscari di Venezia, Itália, 2013.

Recebido em: 23/05/2019

Aceito em: 04/07/2019